

Cupá, ou cipó-babão, alimento de alguns índios amazônicos

Warwick E. Kerr

Darrell A. Posey

Wilson Wolter Filho

Instituto Nacional de Pesquisas
da Amazônia, Manaus

INTRODUÇÃO

Desde 1975, o INPA vem desenvolvendo pesquisas em plantas cultivadas pelos índios, como por exemplo: cubiu, ariá, feijão-macuco, mandioca, macaxeira, batata-doce, amendoim, cará, taioba, fruteiras.

Numa palestra que um de nós (W. E. Kerr) fez em Rio Branco (Acre), um jovem ribeirão-pretano (A. Petean, da FUNAI) informou que os índios Gaviões (Parkateyê), localizados no Km 30 da Rodovia PA-70 (Marabá, Pará), plantam o cupá da mesma forma que a mandioca, por toletes (manivas). Também informou que os índios Kulina, do rio Envira, fazem intenso uso desta planta. Souza (1956) diz que os índios Apinayé comem o cupá como verdura.

ASPECTOS BOTÂNICOS

Baker (1871) prefere chamar ao cupá de *Vitis gonylodes* Burch. ex Baker, dando *Cissus* como sinônimo. Descreve a planta assim:

...ramos glabros, sulcados, herbáceos, de 3-4mm de espessura, sarmentosos, com muitas gavinhas. Estípulas deltóides, 12mm de comprimento. Pecíolos grossos, herbáceos, glabros, 10-15cm de comprimento. Folhas herbáceas, lisas na face superior, porém na parte inferior inconspicuamente acinzentado-purbérula; folíolos ternados, não imbricados, agudos; o folíolo terminal é deltóiderombóide de 17,5-20cm de comprimento e 15-17cm de largura, profundamente 3- ou 5-lobado, os lobos eretos, agudos, os sinus inferiores profundos, a metade inferior do lobo deltóide; peciólulos de 14-20mm de comprimento. Nem as flores esverdeadas ou verde-amareladas (Burchell), nem a inflorescência e nem os frutos foram vistos.

Ocorrem nas matas de S. José, Estado do Pará: Burchell 10072, e no Distrito de Maynas, Peru: Poeppig 2273.

Baker (l.c.) menciona duas espécies de *Cissus*: *C. gonylodes* e *C. tricuspis* como encontrados nas matas de São José, Pará.

O cupá selecionado pelos Kayapó tem 4cm (e não 4mm) de diâmetro no seu ramo principal. O fino é chamado pelos Kayapó de "cupá-do-mato".

Pio Corrêa (1975) descreve brevemente *Cissus gonylodes* Burch. ex-Baker sob o nome vulgar "uva-do-mato". Completa a descrição de Baker, assinalando que as flores são agrupadas em corimbos umbeliformes, alvas ou levemente vinosas, cálice recoberto de pêlos grandulosos; os frutos são bagas, deprimidas, esféricas e roxo-negras, quando maduras, de 6 a 7mm de diâmetro; indica seu habitat como sendo S. Paulo. Na mesma obra, Pio Corrêa (1926 e 1931) relata 2 espécies de *Cissus*: a) *Cissus alata* Jacq., encontrada em Minas Gerais e Rio de Janeiro (nome vulgar: "condurango", "chupão", "cipó-d'água", "mãe-boa" - cujas folhas têm uso medicinal caseiro, frutos comestíveis, e do cipó obtem-se seiva potável; b) *Cissus sicyoides* L.; de cujo fruto (baga preta) extrai-se uma tintura vermelha, que se torna azul. Era usada pelos índios Coroados, e outros, para tingirem seus panos. É encontrada em todo o Brasil com o nome de "anil-trepador", "tinta-de-índio", "uva-branca".

Elias (1968), ao fazer a revisão das Vitaceae do Panamá, informou que esta família tem 11 ou 12 gêneros e cerca de 700 espécies, dos quais apenas *Vitis* e *Cissus* são neotropicais. Dá a seguinte chave para distinguir *Vitis* de *Cissus*:

1b — Inflorescência em panícula bem desenvolvida; flores pentâmeras; pétalas fendidas no ápice que caem precocemente como

um dedal (deáduo); folhas simples; medula castanha *Vitis*.

1b — Inflorescência cimosas; flores tetrâmeras; pétalas livres, que se expandem, caindo uma por uma; folhas simples ou trifoliadas; medula branca *Cissus*.

Elias (o.c.) diz haverem 400 espécies de *Cissus* nos trópicos, porém, não informa quantas são neotropicais. A folha de *Cissus* parece a "era", um cipó da família Moraceae, usado para aderir em paredes; "Kissus" é "Era" em grego.

As espécies contidas no herbário do INPA são:

1 — *Cissus erosa* L.C. Rich. (Kubitzki 75-76) — Proc.: Baixo rio Negro, Paraná do Canta Galo. Idem... (Junk 156) — Proc.: Lago do Janauari, perto do Carreiro. Idem... (P.J.M. & H. Maas 501) — Proc.: Manaus, à margem de estrada em mata secundária, perto do Parque 10.

2 — *Cissus gongylodes* Burch. ex Baker — Proc.: Pará, Belém. Idem... (Lisboa *et al.* 722) — Proc.: Mato Grosso, Aripuanã, Dardanelos, Ilha dos Patos.

3 — *Cissus sicyoides* L. (P.J.M. & H. Maas 355) — Proc.: Manaus, Rua Major Gabriel, à margem da estrada. Idem... (P.J.M. & Maas 231) — Proc.: Cachoeirinha, margem da estrada.

O Museu Paraense Emílio Goeldi é mais completo e possui exsicatas de 8 espécies. As cinco que faltam no INPA são: *C. haematantha*, *C. palmata*, *C. parker*, *C. rhombifolia* e *C. sulcicaulis*.

USO DO CUPÁ PELOS SERINGUEIROS

Souza (1956) cita o cupá, ou cipó-babão (*Cissus gongylodes* Burch. ex Baker), como um agente coagulante do látex de *Hevea* usado por seringueiros do norte de Mato Grosso e em todo o médio e alto Tapajós, rio São Miguel e rio Juruena. Isso foi observado por J. Murça Pires e George A. Black. Segundo eles, os seringueiros usavam o cupá quando, por efeito das chuvas, o látex se apresentava diluído, dificultando, assim, a defumação em bolas. Sua adição ao látex, feita esmagando pe-

quena porção em água, conferia a este o poder de "engrossar" o látex. O cupá, cortado, solta uma baba mucilaginosa. Produz cachos de flores pequenas, avermelhadas e frutos parecidos com a uva. É da família *Vitaceae* e é próximo ao gênero *Vitis* (ao qual pertence a uva). Souza demonstrou que o cupá contém ácido tartárico.

USO DO CUPÁ PELOS ÍNDIOS

Um de nós (D.A. Posey) coletou dados entre os índios Kayapó. Eles plantam as manivas verticalmente, enterrando 20cm aproximadamente, e deixando outro tanto para fora, usualmente encostada ao tronco de uma árvore. Após brotar desenvolve-se na árvore até grandes alturas. Algumas plantas estavam em plantações com mais de 40 anos. Cresce em solos pobres; requer luz, ou seja, não é cultivada na floresta mas em campos velhos, abertos. As manivas são comidas pelos Kayapó, tanto assadas (assam-nas por 15 a 30 minutos) como cozidas. Em ambos os casos retiram a casca e comem a medula. Também, fazem um beiju, amassando as medulas e produzindo uma massa. Essa massa pode ser seca ao sol para uso posterior ou consumida pura ou em mistura com castanhas ou com carne (de caça ou peixe); neste caso embrulham em folha de bananeira e assam. Também, secam e transformam em farinha, que usam como farinha fina e fazem um tipo de pão.

Na obra de Nimuendaju (1956 : 69) lemos:

A antiga e típica planta de cultivo dos Timbira, Kayapó e Xerente, a kupá (*Cissus* sp.), hoje só excepcionalmente é cultivada.

Arnaud (1975 : 27) informa em sua obra sobre os Gaviões de Oeste:

Cultivo principalmente da batata doce (*Ipomoea batatas*); cará (*Dioscorea* sp)... inhame (*Alocasia indica*); taioba (*Colocasia antiquorum*) e kupá (*Cissus* sp.) provavelmente a mais importante espécie tradicionalmente cultivada pelos Timbira.

DADOS AGRONÔMICOS

Um de nós (Darrel A. Posey) que estava estudando os conhecimentos entomológicos dos Kayapó, coletou e enviou ao INPA algumas

manivas. Da primeira vez remeteu 10 manivas por intermédio do Museu Paraense Emílio Goeldi. Por uma deficiência de informação, a caixa com as manivas permaneceu mais de um mês em Belém. Em 06-05-78 foram plantadas, duas em Belém e 8 em Manaus. As duas de Belém brotaram e, das 8 de Manaus, brotaram seis (apesar das condições anômalas, o pegamento foi de 80%).

Em 06-08-78 foram coletadas mais 14 manivas de cupá que chegaram a Manaus em 21-08-78 e 11 foram plantadas no dia seguinte, uma no dia 01-09-78 e duas foram reservadas para análise química.

As 6 plantas que obtivemos, da primeira leva, e plantamos em Manaus, aos 4 meses, apresentavam-se com uma média de 58cm ($s=74$ isto é, apresentavam plantas desde 2 até 200cm de altura), crescimento esse conseguido durante o fim do inverno e 3 durante o verão (04-05 a 23-08-78), o que, junto com as adversidades do transporte, explicam a grande variabilidade observada. O número médio de folhas foi, após 4 meses, de 9 ($s=8$). As plantas à meia sombra desenvolveram muito melhor que as a pleno sol (algumas destas morreram).

As manivas plantadas em Belém desenvolveram-se melhor.

Comemos um pedaço de cupá e todos achamos o seu gosto muito parecido ao da macacheira.

DADOS QUÍMICOS

As análises químicas que fizemos (W. Wolter Filho) a partir de um único exemplar, revelaram o seguinte:

A proporção entre a casca e o âmago (que é a parte comestível), em 100 gramas de cupá, foi: 35% de casca e 65% de âmago.

O teor de umidade no âmago é 73%.

Usando a técnica de cromatografia em fase gasosa, verificamos que não possui ácido oxálico, porém contém ácido tartárico.

Por cromatografia líquida a alta pressão constatamos também que não possui as vitaminas A, B₁, B₂, B₆, C, D₂, D₃ e E. O teste qua-

litativo (reação de Carr-Price) deu negatividade para a vitamina A (técnica descrita por Strohecker, 1965).

Um líquido oleoso extraído do cupá é, em 70%, constituído de material insaponificável (esteróis).

Numa amostra cozida, encontrou-se no âmago: 77,56% de água; 1,2% de proteína; 1,0% de gordura; 1,4% de cinzas; 18,84% de carboidratos; 89,2 cal. de energia.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos índios Kayapó de Gorotire (rio Xingu), por nos darem o material que selecionaram durante centenas de anos; ao Dr. William A. Rodrigues por nos indicar bibliografia e corrigir alguns erros botânicos no nosso primeiro manuscrito; ao Sr. Jaime Paiva e Dr. Roger Shrimpton pela análise de proteína e carboidratos. A Dra. Marlene F. Silva pelas traduções do latim e informações sobre o herbário.

SUMMARY

INPA is developing studies concerning the agricultural plants of the Brazilian Indians. A collection was made among the Kayapó Indians of the Cupa vine (*Cissus gongylodes* Burch. ex Baker, Vitaceae). This note provides botanical information on this plant, its uses by the seringueiros (rubber collectors) and by the Indians, and agronomical and chemical data.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ARNAUD, EXPEDITO

1975 — Os índios Gaviões de Oeste. Pacificação e integração. *Publicações avulsas do Museu Goeldi*, (28) : 1-86.

BAKER, J.G.

1871 — Connaraceae, Ampelideae. In: Martius — *Flor. Bras.* fasc. 15, v. 14(2) : 173-216, tab. 41-52.

ELIAS, THOMAS S.

1968 — Family 112. Vitaceae. In: *Flora of Panama* — Woodson Jr., R.E. & Schery, R.W. Part VI. *Ann. Missouri Bot. Gard.*, 55(2) : 81-92.

NIMUENDAJU, CURT

1956 — Os Apinayé. **Bol. do Mus. Emílio Goeldi**, 12 : 1-150.

PIO CORREA, M.

1926 — **Dicionário de plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro, Imp. Nac., p. 130.

1931 — **Dicionário de plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro, Imp. Nac., v. 2, p. 255.

1975 — **Dicionário de plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Ja-

neiro, Instituto Bras. Des. Florestal v. 6, p. 369.

SOUZA, HILKIAS BERNARDO DE

1956 — O cipó-babão (*Cissus gongylodes* Baker). Um agente coagulante do látex de Hevea. **Bol. Técnico do Instituto Agrônomo do Norte**, (31):163-186.

STROHECKER, ROLF

1965 — **Vitamin assay**. Verlag Chemie Darmstadt, p. 353.

(Aceito para publicação em 14/09/78)